

ROBERTO MACEDO

Aterrissagem e decolagem de economias

A economia dos EUA e a do Brasil apresentam um notável contraste no momento. A daquele país passa há longo tempo por um período de expansão acelerada. Além da atividade econômica em crescimento, há mercados muito excitados, como as bolsas de valores. Teme-se, entre outros desdobramentos, um aumento da inflação e uma queda muito acentuada em mercados como esse. Na sequência, isso levaria a medidas antiinflacionárias e recessivas, ao lado de uma queda do consumo e da produção, induzida também pela perda de riqueza e renda dos que atuam nesses mercados.

Preocupados com isso, os responsáveis pela política econômica buscam aquilo que chamam de aterrissagem suave, ou seja, reduzir a velocidade da economia para evitar uma queda mais abrupta e desastrosa. Conforme este jornal anunciou ontem, o Fed, como é conhecido o banco central daquele país, decidiu por mais uma elevação de taxa de juros, uma medida clássica para esfriar a economia, pois encarece os financiamentos, estimula a poupança financeira e desencoraja os gastos em consumo. O Fed vem fazendo esse aumento a conta-gotas, não só porque busca evitar um esfriamento mais rápido, mas também porque o diagnóstico da economia, embora apontando a expansão acelerada, não é suficientemente esclarece-



Aqui, no Brasil, quer-se o crescimento, mas há também o receio da inflação

dor quanto à seriedade do problema. O aumento de ontem foi de 0,25 ponto porcentual, trazendo a taxa básica de juros, no mercado interbancário, para 6% ao ano. Comparada a uma taxa anual de inflação de 2,7% prevista para os próximos 12 meses, isso mostra que, mesmo com o aumento, a taxa real daquele país é, para os brasileiros, apenas uma miragem para quem está sedento de recursos financeiros a preços razoáveis.

Já no Brasil, ao contrário, o problema é fazer a economia decolar, pois o desempenho há muito tempo tem sido fraco e, em 1998 e 1999, foi decepcionante, com queda da renda média da população. Trata-se, assim, de sair de uma recessão, a que a economia foi levada pelas medidas recessivas adotadas, particularmente no final de 1997, no segundo semestre de 1998 e no início do ano passado. Nesses períodos a taxa de juros chegou até a 45(!!!)% ao ano. Depois do último aumento, foi reduzida paulatinamente para 19(!!!)%, o que ainda é muito alto. Como a projeção da inflação para os próximos 12 meses é de 6% a 7%, a taxa real aqui continua muito elevada. Isso sem contar que a diferença entre a taxa básica e as praticadas é também muito mais alta no Brasil que nos EUA.

Ontem, estava marcada uma reunião do Banco Central para reexaminar a taxa básica, e escrevo sem saber o resultado. Aqui, quer-se o

crescimento da economia, mas há também o receio da inflação, pois permanece o fantasma do dragão inflacionário, que cuspiu enormes labaredas no passado, e não se pretende que fique excitado novamente. Depois de várias quedas, desde outubro do ano passado o BC vem segurando a taxa nesses 19% ao ano e, de junho a setembro, ela havia caído só de 21,5% para 19,5%. Em face da situação que prevalecia e ameaçava continuar, de um aumento das taxas de inflação ainda na esteira da desvalorização cambial, do aumento dos preços do petróleo e de vários serviços públicos, a manutenção da taxa se justificava.

Agora, entretanto, o quadro é outro. A inflação está em queda, há indícios de que o preço do petróleo já tenha batido no teto, a econo-

mia está longe de um aquecimento mais sério e é, assim, chegado o momento de fazer uma redução, por menor que seja, mas importante, todavia, para balizar que a direção de queda não foi abandonada e para assegurar estímulo às expectativas de recuperação da economia. Outro aspecto importante é que a taxa de câmbio recuou para valores que já começam a estimular a importação e a gerar incertezas para os exportadores, e a sinalização dos juros pode contribuir para que o dólar não fique ainda mais barato, em face do efeito que produz no mercado de câmbio.

Impulsionada pela desvalorização cambial, pela redução dos juros e por um fim de ano, em 1999, que não foi estragado por medidas como as que se tomaram no encerramento de 1997 e 1998, a economia brasileira iniciou 2000 sem maiores estoques acumulados, retomando um ritmo de produção que deve gerar um desempenho bem mais positivo quando comparado ao do ano que passou. A existência de capacidade ociosa faz com que a produção possa aumentar mesmo sem maiores investimentos. Passado esse arranque inicial, entretanto, a decolagem ficará comprometida se os juros não sofrerem uma queda significativa.

Em toda decolagem a direção do vento é importante e, nesse caso dos juros, há meses que o sopra que vem do BC está contido. Sem soltar todo o vento, é hora pelo menos de uma leve brisa, para indicar que a direção está dada e a decolagem pode prosseguir.



■ Roberto Macedo, economista, é pesquisador da Fipe-USP e professor da Universidade Mackenzie
E-mail: roberto@macedo.com